

ENVOLVIMENTO DE UM PAI COM SUA FILHA EM IDADE ESCOLAR: ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DE SALVADOR/BAHIA¹

Marie Ubirayara Kichise Pedra²
Lúcia Vaz de Campos Moreira³

RESUMO

A presente pesquisa objetivou compreender as concepções sobre paternidade e como se dá o envolvimento de um pai com sua filha em idade escolar. Caracteriza-se por ser um estudo de caso no contexto de classe média de Salvador (Bahia). Para tanto, foram entrevistados um pai e sua filha com sete anos de idade, utilizando dois roteiros de entrevistas semiestruturadas, um para cada participante. As entrevistas foram gravadas, transcritas e os dados coletados foram analisados de forma descritiva. Os principais resultados revelaram uma concepção positiva de pai, que foi visto como responsável, carinhoso e cuidadoso. O pai se mostrou bastante envolvido com sua filha, mas a interação direta com ela ficou prejudicada pela sua alta carga horária de trabalho, o que foi compensado por sua disponibilidade pelo telefone e pelo apego seguro.

Palavras-chave: envolvimento paterno; família; pais e filhos.

1 INTRODUÇÃO

Em uma retrospectiva histórica pode-se perceber que a paternidade tem sofrido mudanças. O pai já ocupou a função restrita de provedor e chefe da casa, tendo, inclusive, pouco contato físico com sua criança; passou para uma aproximação maior com seus filhos, responsabilizando-se pela transmissão de valores, e, ainda, mantendo sua função de provedor. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, o provimento da família passou a ser compartilhado pelos cônjuges, ainda que a maior parte do sustento financeiro permanecesse sob a responsabilidade masculina. Além disso, o cuidado com os filhos também requereu um

¹ Artigo Científico apresentado ao Curso de Especialização em Família: Relações Familiares e Contextos Sociais, da Universidade Católica do Salvador, como requisito para obtenção do grau de especialista (2015).

² Psicóloga pela Universidade Salvador (UNIFACS) – Salvador/Ba (2010). Formação Clínica Sistêmica em Terapia de casal e família pelo Instituto Humanitas – Salvador/Ba. Especialista em Família pela Universidade Católica do Salvador – Salvador/Ba. Discente do curso de mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – Salvador/Ba. kichise.marie@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade de São Paulo (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1999) e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente coordena o Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. É líder do grupo de pesquisa Família e Desenvolvimento Humano e vice-líder do grupo Família em Mudança. luciavcm@oi.com.br

maior envolvimento por parte do pai. Ele tem sido cobrado e incentivado a ter uma presença mais afetiva com seus filhos

Contemporaneamente, tem havido a emergência de um novo modelo de paternidade. Nesse sentido, Cerveny e Chaves (2010) afirmam que este novo modelo ainda se encontra em processo de construção. Ocorre uma resignificação paradigmática, sendo que o homem permite expressar e envolver-se com seus filhos afetivamente. Assim, segundo Lamb (1992), há a demanda de um pai mais colaborativo e participativo nos cuidados com a prole.

Diante desse cenário, o presente estudo objetivou compreender quais as concepções sobre pai e como se dá o envolvimento de um pai com sua filha em idade escolar, consistindo em um estudo de caso no contexto de Salvador. Para tanto, foram entrevistados, em separado, um pai e sua filha e foram abordadas as concepções de ambos sobre a paternidade e como identificam que se dá o envolvimento do referido pai com sua criança.

O percurso profissional da pesquisadora a motivou para o desenvolvimento desta pesquisa. No seu trabalho como psicóloga clínica, tanto em atendimentos com casais quanto individuais, identificou que homens e mulheres apresentam demandas sobre os desafios da paternidade na contemporaneidade. Além disso, os temas de família sempre foram de interesse da pesquisadora, por isso, ingressou no curso de Especialização em Família – relações familiares e contextos sociais, da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Ademais, ao ingressar no Grupo de Pesquisa Família e Desenvolvimento Humano, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, também da UCSal, participou da pesquisa intitulada “Concepções de pais e suas crianças sobre a paternidade contemporânea” que objetivou conhecer as concepções de pais e de suas crianças sobre a paternidade contemporânea. O presente estudo consiste em parte dessa investigação maior desenvolvida pelo referido grupo de pesquisa.

Assim, percebe-se a relevância deste tema da paternidade à medida que ele pode contribuir para os profissionais que atuam em contexto de psicoterapia familiar e de casais, como também amplia o conhecimento científico sobre a temática.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao abordar paternidade torna-se indispensável compreender, inicialmente, o atual cenário que a família se encontra. Isto, porque, segundo Carvalho (2013) o conceito de paternidade tem sofrido modificações no decorrer dos anos, refletindo as alterações nos contextos socioeconômico e cultural das sociedades. A autora ainda salienta que

A observação do conceito de paternidade, sob o enfoque histórico, demonstra que as características dos papéis e interações familiares sofreram transformações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal, entendido como modelo de organização familiar centrado na figura masculina, até a multifacetada sociedade pós-moderna quando surgem novas formas de família (p.17).

Nessa perspectiva, Petrini (2004) afirma que a família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre a influências dos contextos político, econômico e cultural nos quais está inserida. Por causa disso, o autor entende que a família contemporânea caracteriza-se por uma grande variedade de formas, para as quais os modelos tradicionais tornam-se inadequados para a compreensão dos arranjos familiares atuais. Aumentam as separações e os divórcios, diminui significativamente o número de casamentos, aumentam as famílias reconstituídas e monoparentais, chefiadas por mulheres. Além disso, em decorrência da entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, as tarefas educativas e de socialização são cada vez mais cedo compartilhadas com outras instituições (creches, escolas, etc.).

Desta forma, assim como as famílias mudam, os papéis específicos dos seus diversos membros também sofrem alterações. Nesse sentido, a paternidade apresentou diversas mudanças ao longo da história. Petrini (2004) destaca que o patriarcado caracterizava-se pela total autoridade do pai. Ele era o centro da família e a ele cabiam toda e qualquer decisão a seu respeito. Aproximava-se um pouco mais dos filhos de sexo masculino, transmitindo-lhes valores e crenças que permitissem a sucessão familiar. Com o advento da industrialização, há uma desvinculação dos espaços familiar e de trabalho. Sendo assim, a autoridade paterna continua, mas o pai se distancia de sua prole e, na sua relação com a família, é reforçado o papel de provedor. A esposa continua com os cuidados da casa e dos filhos. No entanto, como apontado por Cervený e Chaves (2010), com o movimento feminista, mais uma vez muda-se o cenário familiar. Os homens são convidados, segundo Lamb (1992), a dividir com suas

esposas as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos e o sustento da família não é mais função exclusiva do pai. Em resumo, Carvalho (2013) destaca que o conceito de paternidade evoluiu passando pelas fases: pai colonial, provedor, moderno envolvido e, atualmente, colaborador e parceiro.

Cervený e Chaves (2010) compreendem que o modelo tradicional não serve mais para o casal em que a esposa trabalha e tem sua própria carreira, no entanto, destacam que a paternidade contemporânea não está suficientemente definida. Os autores pontuam que o novo pai não emerge de forma voluntária e romântica, mas a partir da reestruturação social e econômica que levou as mulheres ao mundo do trabalho, requerendo um maior envolvimento do pai nos cuidados com os filhos pequenos.

Lamb (1992) afirma que as expectativas atuais do papel paterno vão no sentido de um maior envolvimento afetivo e com cuidados diretos com os filhos. O que, segundo Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), vai de encontro ao modelo tradicional da paternidade, já que este desautoriza e torna ilegítimo, aos homens, a demonstração de afeto e ternura. Estas características seriam, até pouco tempo, consideradas exclusivas do mundo feminino.

Cabe esclarecer que, de acordo com Prado, Piovanotti e Vieira (2007), as representações sobre os padrões ideais de paternidade descrevem práticas de cuidado valorizadas dentro do grupo social, em determinado tempo histórico, embora mantenha objetivos básicos como proteção e alimentação da prole. O pai real, afirmado pelos mesmos autores, é a percepção do próprio pai, de sua esposa e/ou de seu filho sobre seu comportamento, avaliando o quanto se aproxima ou se afasta do que se considera ideal.

Para Lamb (1992), o novo pai é um participante ativo, envolvente e empenhado em todas as dimensões dos cuidados e educação da criança. Segundo o autor, hoje se espera que os pais estejam envolvidos mais ativamente do que no passado nos cuidados da criança e, de forma paulatina, o pai contemporâneo está mais implicado que seu predecessor. Parke (1996 *apud* CARVALHO, 2013) chamava atenção para como o conceito de envolvimento paterno tem sido usado nas pesquisas realizadas, a saber: como sinônimo de participação do pai na família. Entretanto, para esse autor, “envolvimento” engloba ainda outros aspectos que tornam sua definição complexa e corrobora para uma dificuldade na compreensão do papel do pai contemporâneo. Estes aspectos são: (a) o comportamento do pai; (b) a satisfação com a

paternidade; e (c) a qualidade da relação pai-criança. A definição de envolvimento paterno mais aceita entre os pesquisadores é a proposta por Michael Lamb (2010), que o classifica em três dimensões: (a) engajamento de interação; (b) acessibilidade/disponibilidade; e (c) responsabilidade.

Segundo Palkovitz (1997), o engajamento de interação diz respeito à relação direta, corpo a corpo, que o pai possui com seu filho, como brincar, conversar e estar junto com ele. O autor ressalta, entretanto, que esta dimensão pode ser entendida de forma distorcida, pois, muitas vezes, o envolvimento paterno tem sido considerado somente a partir deste fator, o que seria uma análise equivocada do fenômeno, pois há formas de envolvimento que não são facilmente observadas. O segundo ponto, acessibilidade/disponibilidade, refere-se ao engajamento dos pais, mas sem que haja a relação direta, corporal com o filho, a saber: preparar a refeição, limpar o quarto da criança, entre outros. O terceiro e último nível das dimensões propostas por Lamb (2010), a responsabilidade, inclui a consciência das necessidades sociais, emocionais, cognitivas e físicas, bem como estratégias de resolução para atender as mesmas; para ilustrar: marcação de consultas com médico ou providenciar transporte para prática de atividades da criança.

Palkovitz (1997) subdivide o envolvimento paterno nos seguintes domínios: comportamental, cognitivo e afetivo. O domínio comportamental é o mais citado nas pesquisas por tratar-se dos comportamentos facilmente observáveis. Segundo o autor, esta categoria, assim como o engajamento de interação proposta por Lamb (2010), gera equívocos na definição e conceituação do envolvimento paterno. Isso se justifica pelo fato de os pais poderem estar envolvidos sem que ocorra uma gama de comportamentos observáveis e/ou interação direta entre pai-filho. Os processos de pensamento e outros componentes cognitivos, como ter sua rotina ocupada ou influenciada por pensamentos sobre suas crianças, também expressam seu envolvimento. No domínio afetivo, entende-se que as expressões e restrições que os pais vivem no seu cotidiano, como decidir comportar-se de uma maneira ou de outra, tomar decisões, entre outros, “são determinadas pela presença ou ausência de seus filhos ou pelos comportamentos e afetos da criança” (PALKOVITZ, 1997, p. 209). Além disso, o autor cita 15 categorias de envolvimento paterno, dentro destes domínios que são: (a) comunicação; (b) ensino; (c) monitoramento; (d) processos de pensamento; (e) pequenas tarefas; (f) prestação de cuidados; (g) manutenção relacionada à criança; (h) interesses compartilhados;

(i) disponibilidade; (j) planejamento; (l) atividades compartilhadas; (m) provimento; (n) afeto; (o) proteção e (p) apoio emocional.

Diante deste cenário, percebe-se que o mais adequado é entender o envolvimento paterno como imerso em um *continuum* de infinitos aspectos e multifacetados papéis, indicando que se pode percorrer desde o não envolvimento pelos níveis baixos e moderados à elevada participação.

Na verdade, como um construto, além do grau absoluto de participação em categorias específicas, o envolvimento em um sentido geral pode ser conceitualizado como sendo influenciado por uma série de co-ocorrência de *continuum* (PALKOVITZ, 1997, p. 209).

O que fica claro é que as realidades subjetivas de envolvimento podem ser muito diferentes da forma usualmente observada. O envolvimento pode variar a depender do momento de desenvolvimento individual que o pai e/ou a criança se encontrem. Assim como, cada pai investe o que pode e no que ele acredita ser necessário no momento específico. Embora seja possível descrever definições globais de desenvolvimento que estão relacionadas a diferentes níveis do envolvimento paterno, é imprescindível considerar, reconhecer e respeitar as diferenças interculturais (PALKOVITZ, 1997).

Dentro deste cenário, tornar-se pai convida o sujeito a repensar sobre seu ambiente familiar de origem e a começar a construir seu próprio modelo de pai.

Opções individuais, estilos, atributos de personalidade, expressividade, prioridades, características da criança e o desejo por intimidade tanto dos pais quanto das crianças afetam os níveis observáveis de envolvimento das pessoas. Indivíduos variam em suas avaliações subjetivas do que é necessário, adequado, ou melhor, em determinada circunstância, eles variam em sua sensibilidade e capacidade de ler sinais interpessoais. Tudo isso é moderado por efeitos acumulados e histórias dos indivíduos e suas relações com o outro (PALKOVITZ, 1997, p. 212).

Ademais, as comparações e questionamentos entre os modelos tradicional e contemporâneo, podem levar o sujeito à uma crise, já que muito do que viveu como filho pode não caber no que deseja experimentar como pai, exemplo disso é desvincular que a demonstração de afeto seja uma afronta à sua masculinidade (DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004). Nesse sentido, Carvalho (2013) destaca que o significado da

paternidade e envolvimento efetivo com suas crianças relaciona-se com a identidade de gênero, como já citado, e, também, com as experiências dos homens com seus próprios pais e figuras responsáveis significativas.

Para Cerveny e Chaves (2010), os modelos de parentalidade que se herda das famílias de origem podem se modificar com a história e experiência pessoal, com a influência trazida pelos modelos dos cônjuges e até mesmo com a adoção de antimodelos. Estes pontos revelam como o exercício da paternidade e os aspectos psicossociais do pai estão interligados e compõem uma complexa experiência contemporânea da paternidade e suas concepções.

3. MÉTODO

3.1 Delineamento

Esta pesquisa possui caráter exploratório e explicativo. De acordo com Gil (1991), o caráter exploratório deve-se a pesquisas que objetivam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A segunda característica, segundo o autor, refere-se a pesquisas que se preocupam em identificar fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o estudo de caso, o qual se caracteriza pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que possibilite o seu amplo e detalhado conhecimento. Quando em pesquisas com seres humanos, este estudo possibilita uma reconstrução da história do indivíduo, evidencia suas relações internas e sociais. (GIL, 1991).

Como pesquisa qualitativa, permite explorar o contexto e os atores sociais para uma melhor compreensão, apresentando uma feição detalhada das informações obtidas. Procura então encontrar, com possível precisão, como os acontecimentos se revelam, sua relação e conexão, suas características e natureza. (RUDIO, 1999).

3.2 Local e participantes

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior, intitulada “Concepções de pais e suas crianças sobre a paternidade contemporânea”, realizada pelo grupo de pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano”, coordenado pela professora Lúcia Vaz de Campos Moreira e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador. Tal estudo teve o objetivo de conhecer as concepções de pais e de suas crianças sobre a paternidade contemporânea. Para tanto, foram entrevistados 30 alunos do Ensino Fundamental I, de uma escola particular de Salvador, e o pai de cada um deles. A escola atendia a população de classe média da referida cidade.

No presente estudo serão apresentados os resultados obtidos com um desses pais e sua filha.

O pai, ficticiamente denominado “Mário”, tinha 45 anos, cursou ensino médio completo, seu estado civil era casado, residia com sua filha e esposa, e estava trabalhando como taxista, com carga horária de cerca de 12 horas/dia.

A filha, ficticiamente denominada “Ana”, tinha sete anos e estudava, no momento da pesquisa, no 3º ano do Ensino Fundamental I da escola supracitada.

3.3 Instrumentos

Inicialmente foi feita revisão de literatura sobre família, paternidade e envolvimento paterno e, com base em tais leituras, foram construídos dois roteiros de entrevistas semiestruturadas, um para o pai e outro para a criança, a ser aplicado em separado.

Nesses roteiros de entrevistas constam perguntas que possibilitaram verificar características e formas de envolvimento paterno propostas por Lamb (1992; 2010) e Palkovitz (1997); além de questões sobre concepções sobre pai/paternidade.

O roteiro de entrevista aplicado ao pai continha quatro blocos de perguntas, onde buscava-se investigar: no primeiro deles, dados de identificação; no segundo, concepções sobre a paternidade e se ocorreram mudanças, ao longo dos anos, sobre a mesma; no terceiro, a percepção do pai entrevistado sobre seu envolvimento com a criança, também participante

da pesquisa; no quarto, e último bloco, os níveis de responsabilidade, acessibilidade e interação com a criança.

Em contrapartida, o roteiro de entrevista voltado para a criança foi dividido em cinco blocos, que investigaram: no primeiro, dados de identificação; no segundo, a concepção da criança acerca da paternidade; no terceiro, a forma como a mesma enxerga o envolvimento paterno; no quarto, responsabilidades e atividades desenvolvidas em conjunto com o pai; e, no quinto e último, o quanto a criança se sente satisfeita em realizar atividades com seu pai e com sua mãe.

3.4 Procedimentos

Foi feita uma revisão da literatura sobre os temas paternidade e envolvimento paterno. Estes assuntos foram norteadores na condução da pesquisa e fundamentaram o objetivo a ser alcançado. Em seguida, foi realizada a construção dos instrumentos a serem utilizados. O acesso aos participantes se deu por meio de uma escola particular de Salvador que atende a população de classe média, e foi feito um sorteio de 20% dos alunos, do Ensino Fundamental I, do período matutino, para participar da pesquisa. Após o sorteio, foi enviado, por meio das crianças, um convite aos seus pais e tendo a resposta positiva, o entrevistador entrava em contato com o pai acordando dia e local para a realização da entrevista com o mesmo e com a criança. As entrevistas tiveram a gravação de voz realizada para que não fosse perdida nenhuma informação fornecida. Todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido para sua própria participação e autorizando a participação de sua criança. Foram respeitados os procedimentos éticos conforme a Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012). Ressaltando que a participação nesta pesquisa foi de caráter voluntário, não sendo oferecido qualquer tipo de remuneração, e ficou garantido total sigilo da identidade dos participantes e confidencialidade dos dados obtidos.

Como dito anteriormente, o presente artigo relata o caso de um dos pais entrevistados e de sua respectiva filha.

3.5 Análise de dados

Após a transcrição das entrevistas gravadas, os dados coletados foram analisados de forma descritiva.

Houve definição das categorias seguindo o modelo aberto proposto por Laville e Dionne (1999). Este modelo permite que o pesquisador inicie o estudo com certo número de categorias estabelecidas, e que no decorrer da pesquisa possam ser incorporadas novas categorias ou modificadas as previamente estabelecidas.

As categorias pré-estabelecidas deste projeto referem-se a: (a) Conhecer as concepções sobre paternidade, pai ideal e pai real que os participantes possuem; (b) Identificar as formas de envolvimento paterno que os participantes vivenciam com seus filhos; e, (c) Identificar como os filhos concebem o envolvimento de seus pais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico constarão dados sobre a família dos participantes, suas concepções sobre paternidade e como ocorre o envolvimento do participante com sua filha.

4.1 Família

O pai e a filha residem juntamente com mãe da criança. Tal família caracteriza-se por ser reconstituída, pois Mário teve um primeiro casamento de cuja relação teve três filhos, que à época da entrevista tinham: 26, 25 e 22 anos. Cabe destacar que os filhos da primeira união de Mário convivem semanalmente com a nova família constituída pelo pai, apresentando uma boa convivência entre os diversos membros.

No que diz respeito a quem eles consideram como membros da família, Ana, assim como Mário, referiram a família extensa, incluindo pais, irmãos, tios, primos e sobrinhos.

Vale informar que Mário destacou que por conta da rotina de trabalho como taxista e da pouca mobilidade devido ao trânsito, acaba priorizando o convívio com a família nuclear, mas gostaria de ter mais tempo para estar com sua família extensa.

4.2 Concepções sobre paternidade

No que diz respeito às concepções de paternidade, Ana afirmou que ser pai “é ter carinho pela filha ou pelo filho, ter, assim, confiança na pessoa, ter sinceridade, cuidar da criança enquanto ela, tipo, se estiver se sentindo mal, se o pai ama ela, ele vai dar apoio a ela

pra ficar melhor”. Segundo a menina, os deveres de um pai são “[...] cuidar de uma criança, amar a criança, ter uma coisa que a criança goste e que se sinta feliz com o pai”. Por outro lado, considera que o pai tem como direito “[...] cuidar da criança, ter responsabilidade pela criança, ter tudo que um pai faça a criança feliz”.

Na concepção de Mário,

Ser pai é você ter a benção de Deus de receber uma energia, uma coisa mágica. Quando eu descobri que minha primeira filha nasceu [...] eu saí daquela vida de moleque, de malandro, praticamente, porque o jovem tem aquela forma de viver a vida adoidado, sem se importar com nada. Eu comecei a me importar com as coisas, e comecei a querer trabalhar pra dar àquela criança o que eu não tive. Foi uma transformação mágica. [...] eu tinha 18 anos [...] e eu me tornei homem [...] eu babei com meus filhos todos e até hoje babo meus filhos, ainda os chamo de meus bebês.

Nesse sentido, como Carvalho (2013) afirmou, constatou-se que o envolvimento paterno provoca mudanças na percepção do pai sobre seu próprio bem estar, seu relacionamento com a família e o desenvolvimento de sua carreira.

Ainda para Mário, o dever de um pai é revisar a convivência que teve com o próprio pai, avaliando essa experiência, em busca de dar aos filhos uma educação melhor do que aquela recebida. No que diz respeito aos direitos, o participante alegou que são: “[...] criar, educar e realmente ser aquele parceiro eterno [...]”. Assim como no presente estudo, Palkovitz (1997) destaca que a família de origem exerce influência com relação ao modelo que o homem segue para construir sua paternidade. Aqui percebe-se que Mário parte da experiência que teve com seu próprio pai e, a partir de suas avaliações subjetivas do que é ser um bom pai, constrói sua própria parentalidade.

Sobre o pai real, Ana caracterizou seu genitor como tendo um lado gentil e também um lado rigoroso, destacando que ele faz de tudo para fazê-la feliz. Em termos de ideal, “gostaria que ele fosse do jeito que ele é!”.

Mário caracterizou a si próprio como um pai presente “[...] em tudo mesmo! Ser presente na cozinha, no banheiro, na sala, no brincar, no estudar, em tudo. É você estar ali. ‘Tem alguma dificuldade aí? Tá legal? Como está o dever? Como foi a aula?’ [...]”. O participante avaliou estar muito próximo do que idealiza como pai, no entanto, gostaria de ter um pouco mais de dinheiro para dar um maior conforto à família.

Assim, destaca-se que o que foi abordado tanto por Mário quanto por Ana sobre o pai ideal aproxima-se do pai real que Mário tem sido. , o que revela uma satisfação de ambos pela paternidade de Mário. O caso estudado retrata um pai que participa ativamente de todas as dimensões de cuidado e educação da criança, correspondendo ao que Lamb (1992) denomina de novo pai.

4.3 Envolvimento paterno

Neste tópico será abordado o envolvimento do pai com sua criança a partir das 15 categorias destacadas por Palkovitz (1997): (a) comunicação; (b) ensino; (c) monitoramento; (d) processos de pensamento; (e) pequenas tarefas; (f) prestação de cuidados; (g) manutenção relacionada à criança; (h) interesses compartilhados; (i) disponibilidade; (j) planejamento; (l) atividades compartilhadas; (m) provimento; (n) afeto; (o) proteção e (p) apoio emocional.

Mário avaliou que seu envolvimento com sua filha, em termos de comunicação, se dá de forma moderada, pois trabalha cerca de 12 horas/dia. No entanto, apresenta-se disponível pelo celular para que a filha entre em contato com ele para qualquer necessidade, como dúvidas, tomar decisões, ter notícias, inclusive “[...] ela faz trote, ela brinca, pergunta onde estou e se está tudo bem”. Nas conversas com a filha costuma estar presente expressões de amor/afeto, valorização, preocupação ou interesse com as amigas da criança, pensamentos e aspirações/desejos. No entanto, aparece com baixa frequência questões relativas à raiva.

No que diz respeito aos registros da criança, o pai costuma, com alta frequência, fotografar a filha, montar álbum ou arquivar fotografias dela e fazer registro sobre fases importantes da vida da menina.

Sobre o envolvimento com relação ao ensino, com frequência alta, o pai costuma aconselhar a filha, dar-lhe exemplos, ensiná-la a responder problemas, discipliná-la, apontar o progresso da criança e do próprio pai e também reza com a menina. Além disso, ainda com alta frequência, promove perspectiva de futuro para Ana, ensina-a a ter equilíbrio financeiro, auxilia-a na aquisição de novas habilidades, dá opções de escolhas à criança e as respeita, delega tarefas e responsabilidades à menina, ensina sobre a própria e outras culturas, responde as perguntas que ela faz, incentiva que tenha interesses e *hobbies* e ensina a filha a pagar impostos e as contas. Porém, com baixa frequência, a repreende.

No aspecto de envolvimento por processo de pensamento, que se refere a pensar e refletir sobre necessidades e demandas do filho, o pai disse que, com alta frequência, preocupa-se com sua filha, planeja e sonha com o futuro dela, avalia sua criança, reza por ela e pensa nela.

A respeito dos cuidados, Mário afirmou ter, com frequência alta, envolvimento na alimentação, no cuidado quando doente e ao colocar para dormir. Todavia, disse que se envolve, moderadamente, em atividades de banho, vestir e pegar coisas para sua filha.

Com relação à manutenção da criança, que envolve formas de cuidados indiretos com ela, o pai afirmou envolver-se com alta frequência em consertos e reparos necessários, nos cuidados de animais de estimação e em criar ambientes apropriados para a menina. Em seguida, sinalizou que se envolve com frequência moderada em: fazer limpeza, lavar e passar as roupas. Por fim, disse não cozinhar para sua filha.

No que tange aos interesses compartilhados, Mário declarou envolver-se, com alta frequência, em providenciar instrução e ajudar no desenvolvimento de habilidades/competência da menina. Moderadamente, envolver-se em leitura junto com sua filha.

Ao que se refere à disponibilidade, o genitor assinalou que, com alta frequência, participar de eventos com sua filha, passa o tempo juntos e incentiva a participação dela em atividades de lazer. Com frequência moderada, disse ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha. E, com baixa frequência, afirmou preparar alimentos voltados às atividades da criança e organizá-las, tal como escotismos e/ou atividades coletivas.

Sobre o planejamento, o pai costuma, com alta frequência, planejar as férias, as viagens, os feriados, a educação da criança, economizar para o futuro de sua filha, planejar compromissos e assegurar o futuro dela. Entretanto, disse não ter nenhuma participação no planejamento do aniversário da menina, nem nos horários para ela estar com seus próprios amigos.

Com relação às atividades compartilhadas, Mário disse fazer, com alta frequência, atividades físicas com sua filha, ir a parques, brincar, celebrar feriados juntos e acompanhá-la em eventos. Ele ainda disse fazer, com frequência moderada, compras, refeições e dançar

junto à sua filha. Com baixa frequência, sinalizou ir ao cinema e trabalhar juntos. Com nenhuma frequência, disse tocar instrumentos juntos e construir castelos.

No que diz respeito ao provimento, o pai afirmou que, em alta frequência, provê para a filha recursos financeiros, moradia, educação, transporte seguro, educação básica, brinquedos ou equipamentos adequados ao desenvolvimento, atividades extracurriculares, alimentação, assistência médica e mobiliária, seguros (de vida e/ou saúde) e pretende ajudá-la a encontrar um emprego.

Sobre o envolvimento afetivo, em alta frequência, o genitor disse abraçar, manter contato visual, fazer cócegas, beijar, sorrir, estabelecer amizade genuína, demonstrar paciência, amar e afagar a menina. Por outro lado, disse elogiá-la moderadamente.

Em relação à proteção, Mário costuma, em uma frequência alta, tornar o ambiente adequado, monitorar a segurança e proporcionar equipamentos de segurança, quando necessário (exemplo: capacete para bicicleta).

No aspecto de suporte emocional, o pai, em alta frequência, costuma incentivar e demonstrar interesse por sua filha e pelas coisas dela.

Sobre o monitoramento, o genitor costuma, em alta frequência, monitorar as amizades de sua filha, segurança, paradeiro, saúde, higiene, tarefa escola, sono, participar de reuniões de pais e professores, fiscalizar programação de TV ou filmes e músicas, além das redes sociais, e deslocamentos.

Na realização de pequenas tarefas, o pai afirmou que, com alta frequência, transporta sua filha, faz pequenos serviços para a criança e também dá telefonemas de interesse da criança.

Assim sendo, pelas 15 categorias estabelecidas por Palkovitz (1997), o pai apresentou, no geral, alta frequência de envolvimento com sua filha. Além disso, foi percebido que seu envolvimento não se restringiu aos comportamentos observáveis e/ou à interação direta com a criança, prova disso são os altos níveis de pensamentos voltados à filha, bem como sua elevada carga horária de trabalho com a qual se tem o objetivo de dar melhor condição de vida à menina.

A partir daqui são apresentadas as formas de envolvimento do pai com sua criança a partir das categorias estabelecidas por Lamb (2010): (a) interação; (b) disponibilidade; e (c) responsabilidade

A respeito dos períodos do dia que possui interação direta com a criança, o pai afirmou estar com ela, com alta frequência, no café da manhã e aos finais de semana. De forma, moderada, está com a filha no almoço, à tarde, no jantar e à noite. E, com nenhuma frequência, pela manhã, que é o horário que Ana se encontra em atividade escolar.

Na interação direta com sua filha, na categoria de jogo onde pai e filha estão ativamente envolvidos em alguma atividade centrada na criança e realizada por prazer ou diversão, o genitor costuma conversar em alta frequência. E, em baixa frequência, brincar, jogar (jogo de cartas ou tabuleiro) e realizar atividades esportivas. Na categoria funcional, onde o pai ajuda ou desempenha alguma tarefa de prestação de cuidado para a criança, com frequência moderada, Mário disse acordar a filha, ajudar a escolher a roupa e supervisionar as refeições dela. Com baixa frequência, disse ajudar nas tarefas escolares e nos cuidados de higiene. Na categoria “paralelo”, onde a díade está envolvida em alguma atividade centrada no adulto, moderadamente, o pai afirmou assistir televisão. Com baixa frequência, cozinhar e arrumar a casa; e, com nenhuma frequência, fazer compras e ouvir músicas. Sobre a “transição”, categoria na qual o pai realiza uma tarefa que ajuda a criança a passar de uma atividade para outra, mas a criança prossegue sem ajuda do adulto, o pai disse fazer, em alta frequência, transição para as atividades escolares e extraescolares. E, de forma moderada, chegadas e partidas.

A respeito da acessibilidade/disponibilidade do pai com relação à filha, esta apresenta alta frequência de envolvimento. Mário afirmou estar disponível pessoalmente, por telefone e pelas redes sociais. Sobre os dias e horários que se faz mais acessível, o genitor indica maior acessibilidade aos sábados, por conta da sua elevada carga horária de trabalho.

Quando questionado sobre o principal responsável por Ana, Mário afirmou compartilhar a mesma intensidade de responsabilidade com sua esposa, dizendo “[...] é um leão e uma leoa”. E, para além, acredita que sua responsabilidade diz respeito a todas as esferas de necessidade que a filha possa vir a ter.

Diante disso, de acordo com o proposto por Lamb (2010), constatou-se envolvimento positivo, ao passo que nos três níveis citados, Mário envolve-se de forma satisfatória. Apesar de, no nível de interação, por conta da sua carga horária de trabalho ele não tenha um alto índice de contato direto com Ana, em termos de acessibilidade e responsabilidade atende ótimos índices de envolvimento.

A seguir serão abordados os dados obtidos com base na entrevista com Ana.

Sobre a comunicação com seu pai, Ana afirmou conversar pessoalmente com ele algumas vezes na semana, pois tem dias que não encontra seu pai por conta das atividades de trabalho dele. A menina afirmou que conversam sobre o dia a dia de ambos, questionando se estão bem e depois realizam alguma atividade juntos. Sobre sua satisfação ao conversar com Mário, Ana referiu “eu me sinto segura com ele! Porque ele tem carinho comigo, porque ele faz tudo para que eu seja uma criança boa”. De acordo com a menina, ela sempre se comunica com seu pai por telefone, poucas vezes, pessoalmente, por mensagens de e-mail e por meio das redes sociais. E relatou não trocarem bilhetes e cartões (exemplo: de natal, aniversário, etc.).

Além disso, sobre as responsabilidades e atividades que Mário faz ou tem com Ana, a garota disse que sempre seu pai a leva ao médico ou cuida dela quando está doente, decide sobre as atividades que ela pode fazer na escola, a elogia quando comporta-se bem, preocupa-se que ela tenha uma alimentação saudável, com sua higiene pessoal, que durma bem e em trabalhar para sustentar e pagar as despesas da filha, interessa-se por suas notas escolares e que ela brinque, jogue ou converse com seus amigos, é carinhoso com ela, conversa quando ela está triste, ele, também, se interessa pelo dia a dia de Ana e a castiga quando ela se comporta mal. Muitas vezes Mário, de acordo com sua filha, compra brinquedos, livros e jogos para ela, leva-a ou busca-a na escola ou em atividade extracurriculares, gosta que Ana conheça e experimente coisas novas, decide o que ela pode fazer ou não e acha que é importante que a filha faça atividades extraescolares. Ana disse, ainda, que seu pai poucas vezes vai às reuniões da escola, brinca ou joga com ela, leva-a para passear ou outras atividades de lazer, compra roupa para ela, ajuda-a nas tarefas escolares e ela poucas vezes o procura para pedir orientações.

Sobre a satisfação que Ana tem em realizar atividades junto a seu pai, ela disse que gosta muito de brincar ou jogar, aprender coisas novas com ele, que seu pai cuide dela quando está doente, que ele a leve para a escola e para as atividades extracurriculares e de estar com ele. Ana afirmou gostar de conversar com Mário, comprar roupa, calçado, jogos, livros ou brinquedos com ele. A filha diz ainda gostar mais ou menos que seu pai decida sobre assuntos da sua escola, como ir a um passeio ou não, e de realizar atividades esportivas com ele. Quanto a não gostar, ela diz não querer contar seus medos, problemas e preocupações para ele e também não quer que ele decida sobre o que ela deve fazer ou não.

De acordo com estes resultados, pode-se afirmar que Mário se aproxima do novo pai abordado por Lamb (1992), que se caracteriza por ser um participante ativo, envolvente e empenhado em todas as dimensões dos cuidados e educação da criança. Entretanto, confirmou o que Oliveira (2007 *apud* CARVALHO, 2013) apontou que os afazeres domésticos, ainda que relacionados ao cuidado com a criança, continuam sob a responsabilidade da mulher. Segundo a autora, isto se dá em decorrência do fato da cultura modelar as atitudes e as percepções do que deve ser feito ou não pelo homem e pela mulher. Relacionado a este cenário, demonstra-se que, embora o movimento feminista tenha pregado uma relação baseada na complementação e na colaboração entre os parceiros, as responsabilidades, principalmente as domésticas, não são divididas de forma igualitária entre os cônjuges, como visto nos relatos do pai participante desta pesquisa. Além disso, foi visto que, ainda que sua esposa esteja inserida no mercado de trabalho, o sustento financeiro fica sob a maior responsabilidade do pai, fato também destacado por Lamb (1992) em seus estudos sobre envolvimento paterno.

A respeito do que Brotherson (2007 *apud* CARVALHO, 2013) afirmou acerca das ações que os pais devem ter para gerar um relacionamento forte entre ele e a criança, parece que quase todas são realizadas por Mário. A saber, as ações são: (a) compartilhar atividades; (b) participar de atividades de recreação com a criança; (c) ensinar brincando; (d) trabalhar junto com a criança; (e) participar de eventos da criança; (f) atender as necessidades da criança; (g) propiciar à criança experiências inesquecíveis que ajudarão a crescer e se tornar madura; (h) realizar atividades espirituais com a criança; (i) expressar amor; (j) compartilhar tradições familiares consistentes e agradáveis e (l) compartilhar histórias e memórias.

Ademais foi visto que o envolvimento paterno não se restringe aos comportamentos observáveis e à frequência destes, assim como afirmou Palkovitz (1997). Mário demonstrou estar envolvido com Ana por meio dos domínios afetivo e cognitivo, e, em menor grau, do comportamental, devido à sua rotina de trabalho. Embora, o pai perceba isto e crie estratégias, dentro das possibilidades do contexto familiar, para que isso seja minimizado, por exemplo, dando um celular para a filha a fim de que telefone para ele sempre que precisar.

Para fechar a entrevista, a menina acrescentou mais algumas informações sobre sua relação com seu pai que expressam o envolvimento positivo entre eles:

Eu acho minha relação com meu pai boa. Ele já me disse e eu já percebi que quando eu faço alguma coisa errada ele quer me forçar que eu me comporte, pra eu crescer uma pessoa boa, ser alguma pessoa na vida. Eu gosto, eu amo ele! Ele sempre me apoia [...] Nas horas que eu não estou certa ele não me apoia. Tem vezes que ele me bota de castigo, tem vezes que ele conversa tem vezes que ele não deixa ir pros lugares, e essas coisas que ele quer que eu seja feliz [...] (ANA).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo do estudo - compreender quais as concepções sobre pai e como se dá o envolvimento de um pai com sua filha em idade escolar, constatou-se que houve uma concepção positiva sobre o pai. Para o participante (que é pai), a paternidade implica em responsabilidade, mas também em satisfação e encantamento pelos filhos. Já para sua filha, o pai é carinhoso, confiável, sincero, cuida e tem responsabilidade por sua criança. Para ambos, há uma coincidência entre o pai real e o ideal, revelando uma satisfação com a relação parental.

O pai se mostrou bastante envolvido com sua filha. No entanto, em decorrência da sua elevada carga horária de trabalho, a interação direta ficou prejudicada em alguns aspectos, mas é compensada pela alta disponibilidade por telefone e pelo apego seguro.

Por fim, constata-se a necessidade de novos estudos que aprofundem o envolvimento paterno, por exemplo, em situação de divórcio, nos casos em que há a presença do padrasto, entre outras circunstâncias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014

CARVALHO, Ana Barreiro de. **O papel do pai na sociedade contemporânea: concepções de pais, funcionários de uma empresa estatal da Bahia.** Tese (doutorado em Família na Sociedade Contemporânea), Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2013.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; CHAVES, Ulisses Herrera. Pai? Quem é este?: A vivência da paternidade no novo milênio. In: MOREIRA, L.V.C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B (Orgs). **O pai na sociedade contemporânea.** Bauru, SP: EDUSC, 2010, p. 41-51.

DANTAS, Cristina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, v. 14, n. 29, p. 347-357, 2004. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 13 jun 2014.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 13 jun 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAMB, Michael E. O papel do pai em mudança. **Análise Psicológica**, v. 1, p. 19-34, 1992.

LAMB, Michael E. How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In: LAMB, Michael E (Ed.). **The role of the father in child development.** 5ª. Ed. New York: John Wiley & Sons, 2010, p. 1-26.

LAVILLE, Christian.; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

PALKOVITZ, Rob. Reconstructing "involvement": expanding conceptualizations of men's in contemporary families. In: HAWIKINS, A; DOLLAHITE, D. (Eds.). **Generative Fathering: Beyond deficit perspectives.** Thousand Oaks, CA: Sages, 1997, p. 200-216.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha.; SILVA, Claudia Maria. Nem só de pão vive o homem. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 667-680, 2006. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 25 set. 2014.

PETRINI, João Carlos. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: JACQUET, C.; COSTA, L. F (Orgs). **Família em mudança.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p. 15-34.



Direitos Humanos, Ética e Dignidade

18 a 24 de outubro de 2015

PRADO, Alessandra Bonassoli.; PIOVANOTTI, Maracelo Richar Arua.; VIEIRA, Mauro Luis. Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 41-50, 2007. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 03 Out. 2014.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.